

Go with the flow? Professor, Influencer e a crise no sistema de peritos

"Go with the Flow? Teacher, Influencer, and the Crisis in the Expert System"

¿Ir con la corriente? Profesor, Influencer y la crisis en el sistema de expertos"

Moysés Pinto Neto ^[a] 

Florianópolis, SC, Brasil

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Letras e Literaturas Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Literatura

Como citar: PINTO NETO, Moysés. Go with the flow? Professor, Influencer e a crise no sistema de peritos. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, PUCPRESS, v. 24, n. 83, p. 1463-1474, 2024. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.083.DS11>

Resumo

Este artigo explora as diferenças entre as figuras do professor e do influenciador digital no contexto do capitalismo de plataforma. Discute-se como a autonomia do professor em abordar temas complexos contrasta com a restrição do influencer, que se vê limitado pela necessidade de adaptação aos algoritmos e à manutenção do engajamento de seu público. Além disso, analisa-se a ecologia da atenção, enfatizando a profundidade e reflexão no aprendizado, em oposição à superficialidade e imediatismo promovidos pela ansiedade algorítmica. O artigo conclui que, embora exista uma sobreposição entre os papéis de professores e influencers, é o contexto e as ferramentas disponíveis que definem as práticas e limitações de cada um.

Palavras-chave: Professor. Influencer. Atenção. Plataforma.

Abstract

[a] Doutor em Filosofia pela PUCRS. Email: moysespintoneto@gmail.com.

This article delves into the differences between teachers and digital influencers within the framework of platform capitalism. It contrasts the teacher's autonomy in tackling complex subjects with the influencer's constraints, dictated by algorithmic adherence and audience engagement. Moreover, it examines the ecology of attention, advocating for depth and contemplation in learning, against the backdrop of superficiality and immediacy fostered by algorithmic anxiety. The paper concludes that while there is an overlap between the roles of teachers and influencers, it is the context and available tools that shape the practices and limitations of each.

Keywords: Teacher. Influencer. Attention. Platform; Ecology.

Resumen

Este artículo examina las diferencias entre las figuras del profesor y el influenciador digital en el contexto del capitalismo de plataforma y aceleracionismo. Se contrasta la autonomía del profesor para abordar temas complejos con las restricciones del influencer, condicionadas por la necesidad de adaptarse a los algoritmos y mantener el compromiso de su audiencia. Además, se analiza la ecología de la atención, subrayando la profundidad y reflexión en el aprendizaje, frente a la superficialidad e inmediatez promovidas por la ansiedad algorítmica. El artículo concluye que, aunque hay una superposición entre los roles de profesores e influencers, es el contexto y las herramientas disponibles lo que define las prácticas y limitaciones de cada uno.

Palabras clave: Profesor. Influencer. Atención. Plataforma. Ecología.

Introdução

O texto apresenta uma comparação entre as atividades de professor, normalmente atreladas às escolas e às universidades, e de *influencer* digital voltado para temas educacionais, especialmente com alguma conotação ou interface política. Para tanto, utiliza-se das teorizações que envolvem capitalismo de plataforma e aceleração social (Snircek, 2017; Zuboff, 2020; Cesarino, 2022; Wisnik, 2019; Magalhães, 2022), economia libidinal dos algoritmos (Bruno, 2018; Cesarino 2022; Pinto Neto, 2018), políticas da atenção (Türcke 2010a; 2010b, 2016; Han, 2012; Citton, 2017) e sua interação com os espaços educacionais (Bihouix; Mauvilly 2016; Twenge, 2017; Saraiva 2018).

Hoje, há um fenômeno bastante expressivo da popularidade de pessoas usuárias em plataformas digitais, como Instagram, Youtube, Tik Tok e Twitch, que produzem "conteúdo" educacional. São, por isso, denominadas *influencers*, uma vez que logram não apenas alcançar grandes audiências, como também se tornam referências para esses públicos. Um caso embrionário dessa condição é o de Olavo de Carvalho, que se tornou uma espécie de guru do movimento bolsonarista, conseguindo aproveitar diversas ondas da tecnologia no seu curso online de filosofia para formar seu próprio séquito de discípulos. Embora sem a mesma estética que iria, aos poucos, tomando conta do universo influencer², Olavo foi emblemático não apenas por inaugurar um novo modelo de intelectual digital, mas também pela sua posição antiacadêmica e antiescolar, criando, com isso, uma polarização entre seu segmento de seguidores (de extrema direita) e as universidades, acusadas de "marxismo cultural" (Cesarino, 2022).

Nos dias atuais, contudo, os influencers percorrem todo o espectro político, desde a extrema direita até a extrema esquerda, passando pelo centro e pelas diversas nuances ideológicas. São anarcocapitalistas, tradicionalistas, liberais, ecossocialistas, anarquistas, comunistas, afrocêntricos. Em alguns casos, trata-se inclusive de professores que estão em atividade, alguns de muito reconhecimento acadêmico, ou aposentados que ocupam um novo espaço na esfera pública. Nesses últimos casos, o texto deixará uma indagação suplementar que não poderá responder: *será que, quando atravessam da universidade ou da escola para a plataforma, os professores tornam-se influencers ou o mantêm-se na mesma condição de professores, e vice-versa?* Para responder a essa questão, seria necessária uma pesquisa empírica específica que extrapola o objetivo do texto aqui proposto. O escopo, aqui, é de cunho teórico e baseia-se na utilização de conceitos da filosofia social e da filosofia da educação para pensar a diferença entre as condições de um e outro – influencer e professor – a partir da chamada “crise do sistema de peritos” (Cesarino, 2019, 2022), entendida como a perda da credibilidade que atravessa as instituições tradicionais de mediação (sistema político, imprensa, universidades) diante de uma considerável fatia da população a partir da emergência da comunicação digital e suas plataformas. Assim, o ponto a ser discutido é que, mesmo que possa haver espaços intersticiais interessantes entre um e outro, cada atividade carrega um atrator específico que é delimitado pelo próprio espaço que ocupam (universidade, escola, plataforma digital).

¹ A palavra "conteúdo" já denota claramente a inflexão que as plataformas colocam sobre o que é produzido a partir da sua infraestrutura. Controlando plenamente a "forma", oferece aos usuários a oportunidade de preenche-la com os "conteúdos" que desejarem, criando um mercado específico chamado de "produtores de conteúdo" ou "influencers".

² Estética orientada pelo marketing digital com componentes como: câmera de frente, fundo decorado, imagem limpíssima, algum comentário prévio, vinheta, pedido de "like" e "seguir", dancinhas etc.

Capitalismo de Plataforma e Aceleração Social

A discussão sobre aceleração no contexto do capitalismo de plataforma e do papel do avatar digital é particularmente pertinente, pois revela as intersecções profundas entre a tecnologia, a economia e a produção de subjetividades na contemporaneidade.

O espaço da escola foi e ainda é exaustivamente estudado. Seus componentes na forma clássica envolvem a sala de aula, a lousa, os cadernos, os livros e, mais contemporaneamente, os projetores, os computadores, os tablets e os smartphones (Cf. Cubas, 2017). Ou seja, o clichê de que o espaço escolar esteve imune às diversas transformações sociais ocorridas no último século, permanecendo exatamente como era nos últimos 200 anos, não é exato. Conquanto se possa eventualmente reivindicar a escola como espaço alheio ao plataformizado, é preciso fazer a ressalva de que não há nenhuma pureza em jogo, ao contrário: cada vez mais, o espaço escolar e acadêmico é habitado pelo digital, como o EAD e o AVA, tornando-se híbrido (SARAIVA, 2018). Mesmo assim, apesar da expansão cada vez maior do digital, ainda há uma diferença entre o espaço institucionalizado, mesmo que digital, e as plataformas abertas³.

Nas plataformas, o espaço escolar ou universitário institucionalizado agora dá lugar a outro espaço, o das nuvens:

Claramente, o verdadeiro hiperespaço agora é a nuvem, o espaço global da comunicação ininterrupta, ambiente profundamente imersivo e sem recuos perceptivos, e todo mediado por dispositivos tecnológicos de uso cotidiano que se infiltraram em cada segundo da nossa vida, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Dentro dessa imensa nuvem o céu é sempre branco acinzentado, e não mais azul ou preto, e o tempo não pendula mais entre os momentos de luz e os de sombra, ou as horas de trabalho e as de ócio, lazer e repouso, como mostra Crary. Dentro do nevoeiro contemporâneo estamos expostos permanentemente, como numa vigília, a uma luz intensa e difusa, ao clarão de uma névoa cerrada. (Wisnik, 2019, p. 305).

A "nuvem" é ao mesmo tempo um local de armazenamento e processamento de dados que representa a aparente ubiquidade e leveza da informação, e um local de extração e acumulação de capital. As plataformas digitais, operando através da nuvem, executam uma operação translúcida onde a extração de dados se torna um novo extrativismo. Este extrativismo não é apenas de dados brutos, mas também de aspectos da identidade do usuário, que são transformados em mercadorias através de algoritmos que moldam o comportamento do consumidor.

A crise de 2008, com a quebra dos mercados mundiais, levou ao investimento nas empresas do Vale do Silício como saída para renovação da economia (Morozov, 2018; Srnicek, 2017; Zuboff, 2020). Explode o trabalho precarizado emergente a partir de Uber ("Gig economy") e outras plataformas de serviços como forma de subsistência para a população empobrecida. Emerge, também, uma nova fase do "empreendedorismo", marcada pela sua interface digital e, por isso, diretamente ligada às figuras que estamos aqui examinando, isto é, os *influencers*. Passa-se, com isso, aos conceitos de "capitalismo de plataforma" (Srnicek, 2017) ou "capitalismo de vigilância" (Zuboff, 2020) que, embora não idênticos, possuem semelhanças suficientes para serem aqui estarem combinados. As plataformas digitais, como

³"Quando eu entro numa sala de aula, já sei qual será meu público, e as estudantes, por sua vez, me enquadrarão no meu papel social como professora e confiarão que agirei como tal (partirão do pressuposto, por exemplo, de que eu falarei a verdade). Quando posto algo numa rede social, nada disso pode ser presumido de antemão: quem será o público daquela mensagem, qual a natureza da interação (pessoal, política etc.), em que termos serei interpretada (de modo literal, irônico etc.), se os receptores da mensagem confiarão nela etc." (Cesarino 2022, 118, nota 12).

Google, Instagram, Tik Tok e Amazon, não apenas intensificam a troca de mercadorias e informações, mas reestruturam a própria arquitetura da economia e das relações sociais.

Como demonstra Cesarino (2022, p. 88), a infraestrutura técnica das novas mídias, ao se capitalizar e se difundir, "acelera a temporalidade sociotécnica e assim aprofunda a desestabilização dos sistemas preexistentes". A ascensão da extrema direita a partir do Brexit e da eleição de Donald Trump, em 2016, seguida de Jair Bolsonaro, em 2018, e o desenvolvimento de "realidades paralelas" durante a pandemia de COVID-19, movidas por terraplanistas, campanhas antivacina, mercado de medicina "alternativas" voltadas para a "imunidade", entre outras, exemplificou de modo claro o efeito "antiestructural" produzido pela emergência das plataformas e a centralidade da comunicação digital, independentemente da vontade dos seus designers. A educação não passou incólume: movimentos como a "Escola sem Partido", *influencers* que atacavam diariamente a academia, como o próprio Olavo de Carvalho, e canais de propaganda de extrema direita, como o Brasil Paralelo, surfaram com facilidade na distribuição do seu conteúdo por meio das interações algoritmizadas, sobretudo a partir da possibilidade de utilizar a tática do pânico moral.

O sujeito-avatar e o entretenimento online

Neste cenário, o avatar digital torna-se um elemento-chave. O avatar é a representação do usuário no mundo digital, um "eu" que pode ser constantemente ajustado, modificado e melhorado em resposta a estímulos e demandas. Esta forma de identidade digital é sintomática de uma cultura de aceleração e adaptação constante, onde o valor é medido pela capacidade de navegar e manipular o fluxo incessante de informações e estímulos. Além disso, o conceito de avatar digital se expande para além da representação de um indivíduo no espaço virtual; ele também simboliza a ideia de que o próprio eu pode ser desmembrado e otimizado, numa busca incessante por eficiência e produtividade que é emblemática do capitalismo de plataforma (Cesarino, 2019). Isso leva a uma nova forma de subjetividade, que é definida pela capacidade de manter-se alinhada com a aceleração constante das demandas de produção e consumo.

Como isso se combina com o ambiente formativo tradicional? A autonomia do professor em sala de aula, um dos pilares fundamentais do sistema educacional, permite a abordagem de uma ampla gama de assuntos, inclusive aqueles historicamente sensíveis ou desagradáveis. Essa autonomia está enraizada na liberdade acadêmica, que confere ao educador a prerrogativa de explorar tópicos como a *Shoah*, os massacres na Palestina ou a história da escravidão sem ter que se curvar a pressões externas. O professor tem o espaço para conduzir discussões críticas e aprofundadas, promovendo a compreensão e a reflexão sobre problemas complexos e muitas vezes perturbadores. Como diz Masschelein (2021, p. 42), "o professor (no seu falar pedagógico) é uma flecha em direção a outro lugar"; ou ainda, segundo Netrovski, "o 'professor' é também quem educa: De 'ex-ducere', conduzir para fora; o 'professor' ou o 'educador' é quem leva o outro além (*apud* Costa 2017, p. 142).

Em contraste, os influenciadores digitais operam dentro de uma esfera dominada pelo algoritmo das plataformas de mídia social. Sua influência está intrinsecamente ligada ao seu público e à natureza volátil das interações online. Enquanto os professores buscam mergulhar os alunos em uma compreensão aprofundada de conteúdos complexos, como a leitura de livros densos (Citton 2017, p. 143; Twenge, 2017, p. 59), os influenciadores estão frequentemente atrelados ao conteúdo que maximiza o engajamento e a visibilidade – o que pode levar à superficialidade e, mais ainda, à evitação de temas que

não geram interações positivas imediatas (Cesarino, 2022, p. 98). O professor não precisa necessariamente ser o "animador de aula" ou "treinador de competências" (Rechia et al., 2017, p. 363), mas é raro que o *influencer* não o seja. Até existem, mas não são a regra. Às vezes, um suspiro é suficiente para que o dedo se mova para cima e passe ao próximo vídeo no *feed* do Tik Tok ou do Instagram. O algoritmo funciona como uma bússola para o conteúdo do influenciador, incentivando-o a criar postagens que estejam em sintonia com as tendências, desejos e preferências de seu público-alvo, muitas vezes em detrimento de conteúdos que possam ser educativos, mas menos "atraentes". E isso reitera a compreensão de que só o que é útil ou desejado é bom, uma compreensão simplória que está ligada diretamente a um produtivismo tóxico e à desconsideração do próprio papel que o esforço das linhas prolongadas de atenção exige. Ler Hegel, Aristóteles, Lévi-Strauss ou Lacan não é, necessariamente, divertido ou útil⁴.

Um aperitivo do que se torna o espaço universitário e escolar ao se plataformizar são as verdadeiras *salas de tortura* pelas quais passaram professores ao longo da pandemia e mesmo após. Submetidos a um regime unilateral de atenção em que apareciam com suas imagens, mas do outro lado havia apenas câmeras fechadas, professores viam-se na necessidade de estar todo o tempo chamando a atenção, exigindo contorções de todos os tipos para colocar os alunos no *flow*. Se as salas de aula sempre foram difíceis, e sem dúvida tornaram-se ainda mais após a chegada dos *smartphones*, ficaram realmente impossíveis quando o professor passou a ser um emissor voltado para as paredes, sujeito a uma vigilância panóptica que vê sem ser vista, que demanda a emissão sem reciprocidade, sabendo-se que o *feedback* facial, a conexão emocional e a invenção são elementos primordiais para uma boa aula expositiva (Citton, 2017, p. 91; Bihouix; Mauvilly, 2016, p. 72).

Em geral, descreve-se ainda a área das redes como livre dos *constraints* institucionais impostos pelas escolas e universidades. No entanto, trata-se justamente do contrário: "quanto mais dependentes dos algoritmos são os usuários para reorganizarem seus metaenquadramentos, mais eles se experimentam como proativos e livres, e mais influenciáveis se tornam" (Cesarino, 2022, p. 130; também Zuboff, 2020). A limitação do influenciador é, portanto, uma consequência direta da necessidade de manter e expandir sua base de seguidores. Embora possam ter uma grande liberdade em termos de criatividade, eles operam dentro de um sistema que recompensa a conformidade com as expectativas do público e a otimização do algoritmo. Esta dinâmica pode enfraquecer a exploração de tópicos complexos e a promoção de diálogos desafiadores, pois tais abordagens podem não se alinhar com o imperativo de manter o público engajado. Ambos ficam presos a um mesmo dispositivo: o estudante, que se vê preso na própria bolha recebendo apenas o conteúdo que o mantém conectado, e o influenciador, cuja liberdade é tolhida a fim de agradar a clientela.

Ecologia da Atenção e Ansiedade Algorítmica

A ecologia da atenção, termo cunhado por Yves Citton como um contraponto ao conceito de "economia da atenção", hoje fartamente alastrada pelo Vale do Silício, valoriza o estado concentrado de percepção como um recurso escasso e precioso em um ambiente sobrecarregado de informações. Dentro do contexto educacional, ela poderia se manifestar na capacidade do professor de direcionar e

⁴ Bihouix e Mauvilly (2016, 178) destacam que um dos principais problemas da escola digital é a desvalorização do esforço, que inclusive apresenta para a criança um mundo simples e justo, bem distinto da realidade que irá enfrentar futuramente e para a qual estará despreparada.

manter a atenção dos alunos em conteúdos significativos, promovendo um aprendizado profundo e reflexivo, ou, como diz Citton (2017, 10), para uma "hiperatenção". A atenção é tratada como um ecossistema a ser preservado e enriquecido, onde o foco e a imersão em tópicos complexos são possíveis através de uma abordagem pedagógica que valoriza o tempo, a profundidade e a qualidade da interação com o material de aprendizagem. A ecologia da atenção, portanto, é uma resposta ao bombardeio de estímulos superficiais, propondo um ambiente onde o ritmo frenético é substituído por uma apreciação mais lenta e deliberada do conhecimento.

Dito isso, embora de forte densidade teórica, exigindo mais detalhamento, vale a pena acompanhar em linhas gerais o processo descrito pelo filósofo alemão Christophe Türcke – menos conhecido que outros, como Jonathan Crary e Bifo Berardi – em torno ao declínio da atenção e à excitação permanente no capitalismo contemporâneo. Como ponto de partida, Türcke naturaliza ao extremo as ideias de espírito e inteligência. Para tanto, parte simplesmente das conexões neurológicas dos indivíduos, entendendo o trabalho de constituição da mente como plenamente material ou corpóreo. Sua explicação, contudo, recorre a Freud: diante do “susto da natureza”, o humano recua e *trabalha* até a formação da inteligência. Utilizando o conceito psicanalítico de compulsão à repetição, pensa a formação do intelecto como neutralização do choque da natureza mediante uma permanente, gradativa e trabalhosa elaboração repetitiva do evento que finalmente nos conduziria ao simbólico (Türcke, 2010b, p. 140-141). Ou seja, para o filósofo, a nossa capacidade de produzir obras que poderiam ser nomeadas como do “espírito” está diretamente ligada à capacidade, naturalisticamente forjada, de elaborar o trauma da diferença por meio da repetição. Aos poucos, mediante uma ritualística que identifica inicialmente no sacrifício, o espaço mental desvencilha-se da sua condição inicial e passa a uma dimensão mais abstrata, que poderíamos associar ao “espiritual”. O simbólico advém da progressiva sublimação da violência do trauma, constituída por diversos meios, dos sonhos aos rituais. Em outros termos, o que ele busca demonstrar é que nossa capacidade cognitiva não deriva de uma dádiva divina ou algo do gênero, mas de um longo trabalho de forja a partir da repetição.

Com isso, Türcke (2010a, p. 10) detecta como a imagem fomentada pela publicidade e pelo marketing – em uma versão radicalizada da ideia de *sociedade do espetáculo* de Debord – capta a atenção dos consumidores e provoca gradualmente a destruição das conexões neurológicas conquistadas mediante um longo trabalho humano até chegar ao pensamento. Mediante rituais que começam pelos sacrifícios humanos, depois animais, até sua simbolização, o humano executaria um *trabalho interno* que gradualmente se exterioriza até retornar a si mesmo em forma de pensamento. E é essa esfera do pensamento que a sociedade do espetáculo está destruindo mediante um curto-circuito cerebral em que a maquinaria contemporânea “atalha” o caminho, destruindo o trabalho neurológico necessário do espírito até chegar ao pensamento (Türcke, 2010a, p. 292; 2010b, p. 131-212).

Türcke ainda chama atenção para a quantidade de tarefas que hoje são executadas simultaneamente, configurando uma espécie de compulsão. A “compulsão à ocupação”, diz ele, “é especificada em uma compulsão à emissão. Ela transforma-se, entretanto, em uma forma vital de expressão”. Trata-se de uma nova modalidade de *horror vacui*, agora direcionada contra o ócio: “não emitir é equivalente a não ser – não apenas sentir o *horror vacui* da ociosidade, mas ser tomado da sensação de simplesmente não existir” (2010a, 44-45; ver ainda pp. 263-268). Eis então um “corpo radioativo” que se move por choques.

Byung-Chul Han retoma a mesma expressão referindo-se ao fenômeno contemporâneo das redes e seu valor expositivo:

Hoje, a comunicação visual se realiza como contágio, ab-reação ou reflexo. Falta-lhe qualquer *reflexão* estética. Sua estetização é, em última instância, anestésica. Por exemplo, para o julgamento de gostar – *I like* (eu gosto) – não se faz necessário qualquer consideração mais vagarosa. As imagens preenchidas pelo valor positivo não demonstram qualquer complexidade; são univocamente claras, i. é, pornográficas. Falta-lhes qualquer tipo de fragilidade que pudesse desencadear uma reflexão, um reconsiderar, um repensar. A complexidade retarda a velocidade da comunicação, e a hipercomunicação anestésica, para acelerar-se, reduz a complexidade. Ela é essencialmente mais rápida do que a comunicação sensorial; os sentidos são *morosos*, sendo um empecilho para o circuito veloz da informação e da comunicação. Assim, a transparência caminha passo a passo com um *vazio de sentido*. A massa de informações e de comunicação surge de um *horror vacui* (Han, 2017, pp. 36-37, grifo no original).

A oposição aqui é entre a profundidade e a superficialidade abordadas por Christoph Türcke e Byung-Chul Han. Enquanto a cultura de atenção requer uma imersão profunda e sustentada em tarefas complexas e pensamento analítico e crítico, o bombardeamento de estímulos nas plataformas digitais favorece uma superficialidade que dispersa a atenção e promove uma forma de engajamento mais imediato e menos reflexivo. Esta é uma dinâmica que, por um lado, pode ser explorada para fins de marketing e consumo, mas que, por outro, pode minar a capacidade do indivíduo de desenvolver formas mais profundas de conhecimento e compreensão. E que, na sua execução em forma de pacote, empacota a reflexão em dogmas e fórmulas.

A tensão entre a ecologia da atenção e a ansiedade algorítmica reside na oposição fundamental entre a concentração e a fragmentação da consciência. O conteúdo tende a ser otimizado para a reatividade em vez da reflexão, levando a uma forma de comunicação que favorece a rapidez e a brevidade, contribuindo para uma cultura de distração e superficialidade (Han, 2017; Citton, 2017; Twenge, 2017, p. 65). Enquanto a ecologia da atenção busca preservar a capacidade de concentração em meio a um mar de distrações, a ansiedade algorítmica está enraizada em um sistema que fragmenta e dispersa a atenção, favorecendo a multiplicidade de estímulos breves e efêmeros sobre a contemplação e o entendimento aprofundado. Türcke (2016) destaca o papel antropológico dos rituais para o desenvolvimento da imaginação, entendendo que a "dispersão concentrada" produzida pelos cortes abruptos que existem desde o cinema, mas ganham nova dimensão com as mídias sociais, é uma ameaça que pode levar ao seu desaparecimento. Ele chega a sugerir, como um "sonho", uma disciplina de "estudos rituais" na escola, a fim de preservar nas crianças e adolescentes a possibilidade do desenvolvimento dos canais neuronais necessários para a atenção plena, cuja possibilidade não é dada de modo inato, mas é construída a partir do ritual e sua versão mais frugal, o hábito.

Se "além de ser um tempo produtivo, a *skhólé* (o tempo livre da escola) é um tempo também relativamente des-sincronizado, relativamente separado da tirania da atualidade" (Larrosa, 2017, p. 151; Masschelein; Simons, 2013), o tempo digital é seu exato oposto: cada segundo, em um fluxo 24/7, é imediatamente transformado em tempo produtivo, monetizado, calculado, metrificado, e o regime discursivo é da urgência, do imediato, daquilo que está acontecendo no exato agora ("crise permanente") (Cesarino 2022; Bihouix; Mauvilly, 2016).

Contrastando com a ecologia da atenção, a ansiedade algorítmica é um fenômeno característico da dinâmica das plataformas digitais e da presença dos influenciadores nas redes sociais. Impulsionada pela necessidade de se adaptar continuamente aos algoritmos que priorizam a visibilidade e o engajamento, essa ansiedade reflete o impulso de manter-se relevante e "viral" no fluxo constante e volátil das mídias sociais (Citton, 2017, p. 47; Twenge, 2017, p. 88). Os influenciadores são compelidos a

criar conteúdo que ressoe imediatamente com as preferências de seu público, frequentemente à custa da substância e da integridade:

Longe de ser um efeito colateral, a oscilação entre euforia e depressão que caracteriza os movimentos incessantes explorados pelas plataformas é o que põe em funcionamento o próprio sistema, explorando os limites energéticos dos corpos a fim de otimizar a programação dos algoritmos. De modo distinto e parecido com a clássica categoria da “alienação”, eles causam a impressão de um nevoeiro que não nos permite ver o que está por trás. Mas a alienação parece mais próxima do jogo clássico de luz e sombra que Bridle e mais ainda Wisnik, com base na teoria das nuvens, ajudam a complicar a partir das trevas e do translúcido. O espaço das nuvens é espectral, não apenas obscuro, “clarão de uma névoa cerrada”. Não basta, por isso, reagir apenas com a recuperação da consciência, de um mero saber que iluminaria o entorno e permitiria desembaçar o nevoeiro. O efeito *lock-in* não é desfeito apenas com base em decisões voluntaristas. As redes cada vez mais se cruzam e enovelam, tornando-se quase organismos complexos interconectados que marcam as identidades/reputações (Pinto Neto, 2020).

Isso é facilmente detectável pela abundante utilização de técnicas de foco como *mindfulness* ou meditação pela propaganda do Vale do Silício. Confessando que é necessária uma “higiene mental” ou “jejum de dopamina”, seus adeptos temperam com um pouco de filosofia *New Age* sua forma de subjetivação. Ou, em termos de educação, preferem colocar os filhos e as filhas nas escolas Waldorf sem telas, enquanto recomendam para os sistemas públicos de educação que seja adquirido um *tablet* para cada estudante matriculado (Bihouix; Mauvilly, 2016, p. 47). E o risco, portanto, é que o ecossistema das plataformas digitais acabe induzindo, por meio dos seus discursos apologéticos e “tecnosolucionistas”, a cópia do modelo pelas escolas e universidades.

Considerações finais: shall we go with the flow?

Professores podem atuar em plataformas digitais e influencers podem se tornar professores em escolas ou universidades. No entanto, é fundamental perceber que *não se trata das mesmas plataformas* e, a partir disso, delas surgem *affordances* distintas. A escola e a universidade também são plataformas: nos seus espaços, nada é natural. São instituições marcadas por hierarquias, rituais, hábitos e procedimentos, ou seja, uma “diferença de nível” em relação à experiência cotidiana (Magalhães, 2022). Mas a experiência não é perfeita, e isso inclusive levou ao surgimento de críticas radicais que hoje são denominadas “pedagogias contraculturais” (Pinto Neto, 2023). No entanto, tampouco, com ainda menor razão, são perfeitas as plataformas digitais controladas por *Big Techs*. Nelas, tudo é mediado por um algoritmo que privilegia a homofilia, a formação de *clusters* definidos pela bifurcação e, além disso, seu *ritmo* é acelerado até o ponto em que corrói a atenção dos usuários (Cesarino, 2022).

O espaço digital pode ser um ambiente extremamente produtivo para contato e debate, podendo ultrapassar fronteiras físicas, modulando a temporalidade e permitindo conversas menos formais e empacotadas que aquelas estabelecidas na academia. No entanto, será que a “produção de conteúdo” como formato específico de intervenção do *influencer* comporta isso? Aqui não se trata do uso livre do espaço digital, mas da imersão no ritmo acelerado (*flow*) das próprias plataformas. O *influencer* é um agente de captação da atenção que pode até colaborar para distribuir ideias interessantes em poucos minutos, e sobretudo atuar na batalha interna de ideias nas próprias plataformas (na sua “ocupação”), mas em geral está sujeitado a um modelo que estrangula a

complexidade e, com isso, vai acabar produzindo os mesmos efeitos de superficialidade acelerada e homofilia algorítmica, independente da variante política.

Se o espaço digital plataformizado das *Big Techs* é invariavelmente regido pela economia da atenção, qual é a tendência predominante para garantir a aglutinação do *cluster*? O clichê.

O clichê é uma forma comunitária de atenção herdada e acumulada que filtra a informação recebida conforme um enquadramento já consolidado. Enquanto Türcke (2016) chama atenção para o ritual, destacando o caráter "profanador" do hábito (que um dia foi ritual), Citton (2017) define os clichês como mecanismos coletivos de filtragem da atenção que permitem uma orientação coletiva cotidiana. Os clichês cumprem, por isso, duas funções que mantêm o usuário conectado: são coletivamente consolidados e andam no ritmo do *flow*. Uma prova da relação entre *flow* e clichê são as próprias "Inteligências Artificiais" vendidas no mercado: ao realizar um texto, seu conhecimento estatisticamente orientado pelo *flow* reproduz o tempo inteiro apenas clichês sem densidade, uma vez que a densidade é incompatível com a sua própria lógica de funcionamento. Talvez por isso tantos teóricos da educação destaquem a *quebra temporal* da sala de aula, seu momento marcado pela ruptura com o *flow*, em que podem reverberar situações que ultrapassam o clichê e, por isso, exigem uma hiperatenção (Larrosa, 2017; Aquino, 2017; Masschelein; Simons, 2013).

Assim, a educação é ameaçada pela ditadura do clichê.

Um movimento notável é a transformação das análises desconstrutivas, que predominavam há vinte anos, para construções mais permeáveis à ideia de estabilização em função da dissolução produzida pelas redes. Türcke (2016), por exemplo, ao mesmo tempo em que enfatiza constantemente o papel central dos rituais para a formação dos circuitos neuronais capazes de forjar a inteligência, a todo momento faz ressalvas para não ser confundido com um conservador defensor da disciplina e da escola tradicional autoritária. Citton (2017, p. 33), por sua vez e por exemplo, faz questão de a todo momento distanciar-se de qualquer apologética do momento anterior e do catastrofismo em relação ao presente, ponderando que "novas formas cognitivas irão surgir". Mesmo assim, ele reconhece (2017, p. 37) que a relação com muitas das nossas tecnologias contemporâneas está aquém do potencial que poderia desenvolver. É a mesma oscilação que percebemos em obras como "Em defesa da escola" (2013) ou "Elogio ao professor" (2017), cujo caráter crítico às novas pedagogias (que são, fundamentalmente, tecnologias pedagógicas) procura afastar-se do componente nostálgico em relação a uma escola disciplinadora, embora nem sempre tal esforço seja bem-sucedido... Ou seja, estamos em momento de oscilação em que as forças "antiestruturais" foram capturadas, em sua maior parte, pela extrema direita, como ocorre, por exemplo, com a crítica à Escola, de matriz contracultural, mas hoje absorvida pela luta pelo *homeschooling* (Saraiva, 2018).

Este movimento pendular, aliás, não é distinto dos demais dilemas que percorrem a contemporaneidade em relação a outros domínios, como o trabalho (plataforma vs. emprego) ou a política (tecnocracia liberal vs. populismo digital), entre muitos outros. Talvez um dos caminhos possíveis seja a reapropriação dos momentos contraculturais das críticas à escola, e, portanto, aos professores, e ao mesmo tempo desenvolver possibilidades de desplataformização – como a "escola como zona de refúgio" (Bihouix; Mauvilly, 2016) – ou desenvolver plataformas alternativas que não se submetam à ditadura do clichê, como a "zona de contágio" (Moraes; Parra, 2021). Mas certamente é mais fácil anunciar que tais coisas são necessárias do que propriamente desenvolvê-las, e ainda mais difícil organizar a ponto de colocá-las em prática. De qualquer modo, se a saída das "alternativas infernais" não é exatamente simples, tampouco por isso é desnecessária. Repensar e refazer a atenção é condição

de possibilidade para que futuros viáveis sejam possíveis, na escola, nas universidades, nas redes e no planeta Terra.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. Defender a escola das pedagogias contemporâneas. **Educação Temática Digital**, [S. I.], v. 19, n. 4, out./dez. 2017.

BIHOUIX, Philippe; MAUVILLY, Karine. **Le désastre de l'école numérique**: playdoyer pour une école sans écrans. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

BRUNO, Fernanda. A economia psíquica dos algoritmos: quando o laboratório é o mundo. **Nexo Jornal**, [S. I.], 12 jun. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2018/A-economia-ps%C3%ADquica-dos-algoritmos-quando-o-laborat%C3%B3rio-%C3%A9-o-mundo>.

CESARINO, Leticia. **O Mundo do Averso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.

CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista De Antropologia**, [S. I.], v. 62, n. 3, p. 530–557, 2019.

CUBAS, Caroline Jaques. Notas sobre o estágio: a preparação em um ofício transitivo. In: LARROSA *et al.* **Elogio do Professor**. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CITTON, Yves. **The ecology of attention**. Trad. Barnaby Norman. Cambridge: Polity Press, 2017.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo e os fins do sono. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Trad. Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

LARROSA, Jorge. Mãos que nem sempre são felizes: seguindo a conversa com Glaucia Dias da Costa. In: LARROSA *et al.* **Elogio do Professor**. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MAGALHÃES, Zé Antonio. Platform and Perspectivism. In: SUNDER, Aarti (ed.). **Platforms: around, in between, and through**. Sudarsan, 2022.

MASSCHELEIN, Jan. Fazer escola: a voz e a via do professor. In: LARROSA *et al.* **Elogio do Professor**. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

MORAES, Alana & PARRA, Henrique. Zona de Contágio: uma ciência da coexistência para o tempo das catástrofes. **Revista ClimaCom**, [S. I.], ano 8, n. 20, 2021.

PINTO NETO, Moysés. Nuvem: plataforma – extração. **PerCursos**, Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 05–23, 2020.

PINTO NETO, Moysés. Criminologia cultural e estudos culturais em educação: uma aliança político-epistemológica contra o populismo autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**: RBCCrim, São Paulo, v. 31, n. 195, p. 321-335, mar./abr. 2023.

RECHIA, Karen *et al.* Elogio ao ofício docente: uma exposição. In: LARROSA *et al.* **Elogio do Professor**. Trad. Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. London: Polity, 2017.

SARAIVA, Karla. Educação, espaço, tempo: conexões. **Em Aberto**, [S. I.], v. 31, n. 101, 2018.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro**. São Paulo: Ubu, 2019.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Trad. A. Zuin. Campinas: Unicamp, 2010a.

TÜRCKE, Christoph. **Filosofia do sonho**. Trad. Paulo Schneider. Ijuí: Unijuí, 2010b.

TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção**. Trad. Pedro Antunes. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na fronteira do poder. Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

RECEBIDO: 07/07/2024

RECEIVED: 07/07/2024

APROVADO: 21/10/2024

APPROVED: 21/10/2024